VISÕES SEISCENTISTAS DO PARAÍSO E DO INFERNO: PASSOS NA CONSTRUÇÃO DA RECEPÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA NA ALEMANHA

VISIONS OF THE PARADISE AND THE HELL FROM THE 16TH CENTURY: CONSTRUCTION STEPS OF THE BRAZILIAN LITERATURE RECEPTION IN GERMANY

Fábio Luís Chiqueto Barbosa*

RESUMO: O presente texto procura explorar como a observação e a anotação das práticas culturais de uma nação podem ter um papel decisivo na construção da imagem de sua literatura e de como esta imagem pode ser igualmente decisiva para a percepção dos textos escritos sobre a nação alvo. Para exemplificar esta idéia, revisitam-se alguns tópicos importantes para a construção da imagem do Brasil e dos textos escritos sobre este país na Alemanha.

Palavras-chave: estereótipos; usos e costumes; imagem.

ABSTRACT: The present text intents to explore how the observation and the annotation of cultural practices of a nation can have a decisive role in the image construction of its literature and how this image can be decisive for the perception of the texts written about the target nation. To exemplify this idea, some important topics for the construction of the image of Brazil and for the text written about this country in Germany are taken under consideration.

Keywords: stereotypes; social practices; image.

INTRODUÇÃO

A literatura não é um construto fechado em si mesmo, não surge isolada no contexto das outras atividades humanas. É certo que houve – e ainda há – abordagens e métodos investigativos que se aproximam da literatura e abordam-na, encerrando-a em análises estritas, seqüestrando dela os valores que talvez a fazem mais viva: aspectos que fazem dela uma das formas mais efetivas de expressão do pensamento e do sentimento do homem, de sua forma de ser e de estar no mundo.

* Atua nas áreas de Germanística e de Literatura Comparada. Professor Assistente Doutor junto ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

A literatura está essencialmente ligada ao homem porque nasce dele e existe para ele. Ao considerá-la desta perspectiva, isto é, a partir da ótica da indelével evidência de suas relações com o homem que a produz, o estudo da literatura – ou das literaturas – abre espaço para olhares que a situam na esfera nas práticas culturais humanas. Esta é uma das vias pelas quais são construídas pontes com outras áreas do conhecimento humano como, por exemplo, a História, os próprios Estudos Culturais, a Sociologia, a Antropologia e a Etnologia, apenas para citar as relações mais evidentes.

Uma tentativa rasa e rudimentar de definir prática cultural pode resultar no entendimento seguinte: trata-se do exercício de padrões de comportamento de um dado grupo. Esta é uma definição deficiente, mas que serve perfeitamente de porta de entrada para se alcançar definições mais completas. Em um nível um pouco mais complexo, pode-se entender que práticas culturais sejam, por exemplo, realizações, usos, exercícios, valores, técnicas, etc. que se desenvolvem no seio de determinados grupos e que depois de articulados e sedimentados serão preservados e transmitidos. Esta noção aproxima muito a idéia de prática cultural com a de tradição. De fato, o entendimento de tradição passa forçosamente, em momentos diferentes conforme os objetivos que se tenha em vista, pela de prática cultural.

Desta forma, também as tradições literárias formam-se como práticas culturais humanas ou, formulando a questão de outro ponto de vista, também as tradições literárias refletem – ou são reflexo – de práticas culturais: uma pode denunciar na outra as construções, dicções e contradições da memória coletiva de um grupo, de uma sociedade.

Assim, se práticas culturais, que nesta perspectiva também abrem para a consideração de fenômenos como crenças, comportamentos, instituições, valores e regras, identificam em última instância um grupo ou uma sociedade, logo surge a conclusão óbvia de que elas emergem também sempre relativizadas por variações de temporalidade e espacialidade. Sendo assim, considerando-se a literatura o exercício de práticas culturais, e se práticas culturais variam no tempo e no espaço, logo a literatura estará também sujeita a tais volatizações. Também é possível perceber que encarar a literatura pelo viés das práticas culturais significa em boa medida uma busca pela compreensão de aspectos de sua identidade.

Desta forma, as práticas culturais de um grupo e a compreensão que ele tem dela é o que conduzirá em última instância à formação dos paradigmas de sua literatura e das variáveis que interferirão nas mudanças que podem sofrer ao no transcorrer do tempo e do espaço e interferirá diretamente na formação de esquemas mentais que estruturam a idéia de como deve ser a literatura em geral ou uma literatura específica.

Não obstante, a literatura, considerada como o exercício de práticas culturais de grupos específicos, pode ser entendida como um conjunto de práticas discursivas que se voltam sobre uma cultura – em primeiro lugar sobre as práticas culturais do grupo que a produz – ou sobre a totalidade de uma sociedade. Esta definição, entretanto, não pode ser totalizante e inabalavelmente monolítica sem ser igualmente castradora. Isto porque nenhum sistema literário existe isolado no mundo. Sistemas literários

de dados grupos, por manterem uma relação de tensão e distensão com sistemas de outros grupos, acabam requerendo os olhares alheios para se completarem e se definirem mutuamente. Trata-se da premissa de definir-se o eu pela delimitação do não-eu.

A prática da literatura, e por extensão também de sua crítica, abraça então necessariamente o olhar do outro. Nesse processo de troca de olhares, surgem as zonas fronteiriças do olhar para o outro e subseqüentemente da permeabilidade, da troca e das incorporações não etnocêntricas.

Cabe então aqui a seguinte pergunta: leituras realizadas por um grupo A das práticas culturais de um grupo B podem interferir na percepção de seu sistema literário? Se sim, em que medida?

Para responder preliminarmente a estas questões, é necessário não deixar de lado o fato de que a ação de olhar para o outro traz consigo sempre uma dose de estereótipos, isto é, de imagens das práticas culturais alheias que adquirem um significado determinado, cristalizam-se e passam a compor o conjunto de fatores que determinam a percepção do outro.

Isso acontece também no âmbito da literatura. Presta-se a ilustrar este fenômeno a breve consideração de como se forma na Alemanha, ainda no século XVI, um quadro de referências sobre a literatura brasileira. Também ajuda perceber como tais índices, baseados inicialmente em percepções mais propriamente etnográficas e antropológicas, determinam em grande parte o olhar alemão sobre a literatura brasileira até pelo menos meados do século XX.

ENTRE O PARAÍSO E O INFERNO: A CONSTRUÇÃO DE DISCURSOS NARRATIVOS SOBRE O BRASIL

Desde muito cedo, os europeus dão início ao processo de construção de sentido da América com a produção de narrativas. Tais textos são fortemente orientados pela percepção dos usos e costumes dos homens nativos da América e, com o tempo, com os usos e costumes das sociedades que surgem ali depois da chegada e do exercício da influência do homem europeu.

No que se refere ao Brasil mais especificamente, e desconsiderando-se o interesse óbvio dos portugueses e também dos espanhóis sobre esta parte da América, o olhar alemão é um dos mais aguçados na Europa tão logo se dá a chegada de Pedro Álvares Cabral às costas de Porto Seguro. Neste período, a intenção dos europeus era a exploração econômica. E, tanto para tomar quanto para dar conhecimento da nova terra com suas características tão novas e tão exóticas a seus olhos quanto para noticiar suas possibilidades em termos de exploração, eles procuravam escrever relatos de sua passagem pelas novas terras e ler os textos de outros viajantes que andavam pela América.

De modo mais amplo, o primeiro texto que efetivamente aparece na Europa dando notícia do Brasil é a carta *Novus Mundus* de Américo Vespúcio datada de 1503. Embora três anos antes Pero Vaz de Caminha tenha escrito sua carta a D. Manuel com

o fim de relatar quais eram as características da nova possessão portuguesa, esta ficou encerrada – assim como outras crônicas portuguesas da mesma época – em arquivos fechados e sua publicação foi providenciada pela primeira vez apenas em 1817. Como observa Strausfeld (1984), esta tardia divulgação do texto de Caminha não influenciou, portanto, o pensamento e a formação de utopias dos europeus a respeito da América como as descrições de Vespúcio ou Colombo.

Por outro lado, crônicas de navegantes, que ganham força e que muito cedo começam a circular pela Europa, logo surgem também – ou sobretudo – em língua alemã, pois eles é precoce sua chegada ao país. E havia muitos deles. Cerca de cinquenta e três artilheiros alemães participam das empresas marítimas portuguesas por volta de 1489, inclusive na de Pedro Álvares Cabral que chega às costas da Bahia em 1500. Em 1540 chegam a Pernambuco os irmãos Sibald e Christovam Lins, naturais de Ulm, na qualidade de representes da casa comercial Fugger e logo se envolvem na produção e comercialização do açúcar. Em 1550 Erasmus Schetz compra, em sociedade com Johann von Hülsen, um engenho de açúcar no litoral de Santos, talvez o maior daquela região naquela época e que funcionava sob a gerência de outro alemão, Peter Rösel. Alguns deles escrevem textos sobre o Brasil que circulam na Alemanha. Também o primeiro mapa da nova terra é elaborado por *Theodor de Bry*, ourives e editor belga radicado na Alemanha, e sai publicado em Frankfurt ainda no século XVI.

É necessário não esquecer de que Portugal não divulga os textos sobre o Brasil pois não tinha qualquer interesse em alardear o potencial de exploração que emerge com a nova colônia. Tais escrúpulos, entretanto, não afetam os alemães aventureiros alemães que, ao publicarem seus relatos em sua pátria e fazendo-os circular, lançam as bases para a percepção alemã do Brasil.

Das cinco primeiras publicações sobre as Américas surgidas em alemão no período, duas tematizam diretamente o Brasil, como afirma Richard Wegner apud Franco (1974). Tais narrativas são as seguintes: a primeira é um relatório de Bartolomeu Küstler, de 1497, a respeito das cartas de Colombo; a segunda é uma série de edições sobre as cartas de Américo Vespúcio iniciada no ano de 1504; a terceira é o texto *Copia der Neuen Zeytung auss Presillg Landt* (*Cópia do novo jornal da terra do Brasil*), publicado em Nurembergue em 1514 por Hieronymus Höltzel (republicado em 1983 pela Deutsche Verlags-Anstalt de Stuttgart); a quarta é a tradução da narração da conquista do México por Fernando Cortéz e a quinta foi a publicação, na cidade de Marburg, em 1557, da narrativa do alemão Hans Staden sob o título *Wahrhaftige Historia und Beschreibung einer Landschaft der wilden, nackten, grimmigen Menschfresser, in der Neuen Welt America gelegen* (*História verdadeira e descrição de uma região de selvagens canibais ferozes e nus postos novo mundo chamado América*). A terceira e a quinta publicações tratam do Brasil, das quais nos interessa mais de perto a última delas visto que foi "a obra de Hans Staden, o primeiro alemão que deu à publicidade uma descrição etnográfica clara e verdadeira de um povo selvagem, usando de suas próprias expressões" (STADEN, 1981, p. 17).

A narrativa de Hans Staden interessou, ao longo dos anos após o seu aparecimento, não só a geógrafos, historiadores, etnólogos e antropólogos graças às infor-

mações em si contidas a respeito do índio brasileiro do século XVI e seus costumes, bem como da fauna e flora daquela época, mas também

> [...] für breite Schichten des deutschen Volkes das begehrte Menschenfresserbuch, das die nackten, grausamen „Wilden" in Wort und Bild aufregend schilderte; der edle Wild war damals noch nicht erfunden. Zugleich bedeutete das Buch für den Gebildeten, dem es in lateinische Ausgaben vorlag, einen Leitfaden zur Erkentnnis fremder Länder und Völker in den „Neuen Welt". (STADEN, 1981, p. 157).[1]

A passagem acima leva à conclusão de que para grande maioria do público receptor da obra, ela representou uma fonte em que se buscam informações sobre a terra desconhecida. Com base neste processo que se constrói a partir da anotação e do destaque conferido pelo autor aos usos dos índios brasileiros, tão exóticos aos olhos europeus, mesmo sem uma preocupação etnográfica ou antropológica declarada e sistemática, é que começa, pela primeira vez, a delinear-se a imagem do Brasil na Alemanha, imagem que posteriormente será projetada na percepção que se terá de sua literatura.

As narrativas em circulação pelo resto da Europa sobre o continente americano, com referências à exuberância da vegetação, temperança do clima e à felicidade natural dos homens que aqui habitam, aproximam as terras recém descobertas aos mitos do paraíso, conforme assevera Sousa (1991). Alguns chegaram a afirmar terem encontrado o éden perdido. Neste sentido, escreveu Vespúcio em *Novus Mundus*:

> Was nun die Völker angeht. Wir haben in diesen Länder eine solche Menge vorgefunden, daß niemand sie aufzählen könnte. Es sind sanfte, umgängliche Leute; alle, Männer und Frauen, gehen nackt und bedecken ihren Körper an keiner Stelle, und so gehen sie bis zum Tode. [...] Sie haben kein privates Eigentum, denn alles gehört der Gemeinschaft. Sie leben miteinander ohne König oder Herrscher. Jeder Mann ist sein eigener Herr und besitzt soviele Weiber, wie er will. Sie haben keine Tempel und keine Gesetze, sie verheren nicht einmal Götzen. [...] Sie leben ganz nach dem Gesetze der Natur, sie neigen mehr zum Epikuräertum als zum Stoizismus. [...] Und wenn das Paradies auf Erden irgendwo auf der Welt zu finden ist, dann sicherlich unweit von hier. Davon bin ich fest überzeugt.[2] (STRAUSFELD, 1984, p. 9).

[1] "[...] amplas camadas do povo alemão o desejado livro dos devoradores de homens que os selvagens cruéis e nus eram excitantemente descritos com palavras e gravuras; o bom selvagem não havia ainda sido inventado. Simultaneamente, o livro funcionava, em sua edição em latim, como roteiro para conhecer países e povos estranhos do novo mundo". (Neste texto as traduções são sempre do autor, exceto se diferentemente indicado).

[2] "E agora algo a respeito dos homens: encontramos tantos nestas terras, que ninguém poderia contá-los. São pessoas pacíficas e amistosas; todos, homens e mulheres, andam nus e não cobrem seus corpos em parte alguma e assim vivem até morrerem. [...] Não têm bens particulares, pois tudo pertence à comunidade. Vivem uns com os outros sem um rei ou monarca.

Assim como ele, muitos outros cronistas associaram a América a uma paisagem estereotipada, paradisíaca, que dizia muito mais a respeito das expectativas dos descobridores europeus do que à realidade de fato. Tais estereótipos, entretanto, que vão se construindo a partir de um processo de percepção concreta da natureza exuberante e da imaginação guarnecida de mitos europeus, acaba se deformando pelo contraste que surge desta imagem paradisíaca com os usos e costumes do homem americano, considerados selvagens.

A narrativa de Hans Staden aparece justamente na negação do paraíso terrenal. Ao invés de apresentar um texto contendo o relato de cenas paradisíacas, a visão de horror da narrativa de Staden contrasta-se de imediato com as demais. Os motivos que levam este autor a diferenciar-se dos outros sem dúvida foi a sua peculiar condição de prisioneiro dos índios tupinambás num cativeiro que dura nove meses. Privações e o temor constante da morte eminente colaboram para direcionar a opinião do alemão cativo. Na mesma época publicou-se a crônica de Jean de Léry intitulado *Unter dem Menschenfresser am Amazonas* (No Amazonas entre os devoradores de homens) que nos fornece Monegal (1982), e que contém suas impressões a respeito dos rituais canibais dos índios da Amazônia.

Assim, pelo menos na Alemanha, o segundo texto a respeito do Brasil – e o primeiro a ter realmente ampla circulação – não propicia condições para a formação da imagem exclusivamente paradisíaca associada ao Brasil, mas a de uma terra de selvagens vivendo em uma espécie de barbárie de práticas primitivas. Inicia-se a formação de uma imagem complexa na qual se sobressaem as características que diferenciam o Brasil da Alemanha, isto é, aquilo que aos olhos alemães é exótico.

Após seu sucesso inicial, e após ter sido traduzido para diferentes idiomas – inclusive para o latim – o livro de Staden permaneceu um período relegado ao esquecimento e ganha novo vigor apenas quando:

> Die neue Wissenschaft der Völkerkunde, die brasilianische Geschichtsforschung, die brasilianische Pädagogik und eine von Brasilien ausgehende Bewegung mit dem Ziel des Kulturaustausches zwischen Brasilien und Deutschland als Gleichwertigen Partnern bedienten sich des Buches und stellten es heraus.[3] (STADEN, 1981, p. 157).

Para Francisco de Assis Carvalho Franco, "Hans Staden foi o primeiro alemão que deu à publicidade uma descrição etnológica clara e verdadeira de um povo selvagem, usando de suas próprias expressões" (STADEN, 1974, p.17). Sem julgar aqui a validade da afirmação de que a narrativa de Staden é *clara e verdadeira* ou o seu juízo a

Cada homem é seu próprio senhor e possui quantas mulheres quiser. Não têm templos nem leis e não veneram quaisquer deuses. [...] Vivem segundo as leis da natureza tendendo mais ao epicurismo do que ao estoicismo. [...] E se o paraíso terreno pode ser encontrado nalgum lugar sobre a terra, então, com certeza, não é longe daqui. Estou completamente convencido disto."

[3] [...] a nova ciência da etnologia, a pesquisa histórica brasileira, a pedagogia brasileira e um movimento originário do Brasil objetivando um intercâmbio cultural entre o Brasil e a Alemanha como parceiros de igual valor recorrem a ele e ressaltam-no.

respeito dos índios (selvagens), a questão a ser enfatizada precisa ser justamente o fato de Staden ter se valido de expressões próprias, o que denota uma preocupação – consciente ou não – de questões de estilo, não descartada a hipótese desta preocupação ser motivada por razões editoriais. Ou seja, além do fato de que:

> Die Wahrhaftige Historia ist eine der unmittelbarsten und verläßlichsten Quellen aus der Zeit der Landnahme durch die Portugiesen und der sich verstärkenden Berührung der Europäer mit den steinzeitlichen Indianern insbesondere im Küstengebiet von Santos bis Rio de Janeiro; sie ist das Muster einer gedrängten, alles Wesentliche wiedergebenden Völkerschilderung und gehört als Reisebericht zu dem Ergreifendsten, das die deutsche Literatur bietet.[4] (STADEN, 1981, p. 168).

Aqui emerge a preocupação mínima, porém essencial, que caracteriza uma obra de arte – neste caso, literária. Assim, podemos dizer que a *Wahrhaftige Historia* foi a primeira obra publicada na Alemanha sobre o Brasil com preocupações outras que não apenas a transmissão do relato através de formas mais fixas como no caso das crônicas. Entretanto, mesmo assim ela não rompe os fortes laços construídos pela recepção histórica que se constrói na Alemanha de textos sobre o Brasil e sua leitura passa, na verdade, a ser em parte determinada por este contexto.

Assim, a imagem que surge na Alemanha sobre o Brasil a partir do século XVI colabora para a formação e construção de uma visão caleidoscópica que reunia numa mesma imagem, o paraíso incorporado na paisagem, na Natureza e a imagem do horror representada pela figura do homem, do terrível canibal tupinambá, a imagem de uma terra distante e exótica.

Esta caracterização inicial vai tomando a forma de apelo receptivo, conforme passa o tempo. Nas bases do século XVI estabelece-se uma tradição que determina em boa parte a recepção dos textos de e sobre o Brasil na Alemanha. Este fato é verdade mesmo no século XVIII, após a experiência do iluminismo, e mesmo no caso da recepção de um intelectual da estatura de Goethe. Huber lembra:

> Goethe, por sua vez, dedica três poemas ao índio brasileiro: "Canção de morte de um prisioneiro", "Canção de amor de um selvagem" e "Brasileiro". Esses poemas de Goethe são, na verdade, traduções versificadas de determinados trechos de prosa escritos por Montaigne e publicados em seus *Essais*. Esses trechos em prosa de Montaigne, por sua vez, são traduções por ele realizadas de dois cantos indígenas oriundos do continente sul-americano e apresentam reflexões sobre a civilização européia em comparação

[4] "[...] a *História Verdadeira* é uma das fontes mais diretas e confiáveis do tempo da posse pelos portugueses e do encontro dos europeus com os índios primitivos especialmente na região costeira que vai de Santos até o Rio de Janeiro; ela é o modelo emergente, toda citação essencial a respeito da descrição de um povo e pertence, enquanto relato de viagem, como uma das mais proveitosas que a literatura alemã oferece."

> com o estado selvagem natural dos índios e seus costumes como o canibalismo. Goethe interessava-se muito pelo Brasil e, além de ler Montaigne, mantinha correspondência e contatos com Spix e Martius, por exemplo, bem como com o Dr. Pohl e Eschwege. A figura do índio de Goethe plasmada por Montaigne, como nobre selvagem, é uma metamorfose do homem edênico. (HUBER, 2010).

A influência do Romantismo literário em voga na época não modifica totalmente o apelo histórico. A imagem do índio, por exemplo, aspira ao ideal rousseauniano do bom selvagem, mas não consegue desvencilhar-se do forte apelo histórico das imagens construídas a partir da recepção dos usos e costumes dos homens americanos e cujos relatos começam a circular na Alemanha a partir do século XVI. Porém, longe de se anularem mutuamente, os novos elementos fundem-se aos antigos, o que resulta num aumento ainda maior do efeito caleidoscópico da imagem que o alemão formula acerca do Brasil.

Isso continua sendo verdade no século XIX. Lilian Pessoa analisa a obra de cinco autores de relatos de viagens, a saber: Johann Moritz Rügends (conhecido no Brasil também pela variante latinizada de seu nome: Maurício Rugendas), Carl Seidler, Hermann Burmeister, Thomas Davatz e Joseph Hoermeyer e mostra como estes relatos estão profunda e intimamente relacionados à ideologia romântica. O enfoque em relação ao espaço natural, isto é, a cena paradisíaca, ganha mais força. O processo de imprimir à realidade existente a visão a seu respeito adquirida na Alemanha anteriormente é marcante, tanto que:

> A alusão à falta de doenças no Brasil, ao 'mundo sem mal' de que fala Sérgio Buarque de Holanda, é motivo recorrente nos escritos dos viajantes alemães do século XIX como veremos em outros capítulos deste trabalho. A expectativa dos visitantes alemães em relação ao novo mundo era de tal forma desmedida, que muitas vezes não se davam conta das doenças que aqui grassavam. Corroborando com as idéias desses viajantes, escreve Donald Cooper no artigo '*Death by the sea*': 'Até meados do século dezenove, o Brasil foi conhecido como um dos países mais saudáveis do mundo'. (PESSOA, 1991, p. 56).

Daí, portanto, "fica claro que a visão paradisíaca do viajante alemão do século XIX, representada pela ausência de doenças, pelo 'mundo sem mal', situa-se mais na fantasia projetada do que na realidade brasileira" (PESSOA, 1991, p. 56).

O crescente interesse pela terra gera, neste período, finalmente, interesse pela sua atividade intelectual. Contudo, a primeira obra[5] a respeito da literatura brasileira e que tem ampla publicidade é publicada em Berlim somente no ano de 1863 por Ferdinand

[5] No século XVIII, Friedrich Bouterwerk, professor da Universidade de Göttingen, já havia publicado anotações a respeito da poesia de poetas árcades brasileiros. Na época, entretanto, pelo fato de o Brasil ainda estar politicamente ligado à metrópole portuguesa, tais textos foram considerados parte ultramarina desta literatura.

Wolf com o título de *Le Brésil literaire. Histoire de la littérature Brésilienne suive d'un choix de morceau tirés des milleurs auteurs brésiliens* (O Brasil literário. História da literatura brasileira acompanhada de uma seleta dos melhores autores brasileiros.). Nela, seu autor afirma que a literatura brasileira já alcançara o *status* de literatura nacional. Esta preocupação em estabelecer limites e conferir a maioridade às letras brasileiras é, na verdade, uma discussão que começa no Brasil. Além disso, não se nota nesta obra, curiosamente, o mesmo peso da tradição da histórica recepção alemã de textos sobre o país. Assim, não se descarta a possibilidade de que Wolf tenha assimilado opiniões de Gonçalves de Magalhães, embaixador em Viena a partir de 1859 com quem manteve estreito contato. Ao contrário do que seria de se esperar por ser única em sua modalidade, porém, esta publicação não teve qualquer conseqüência para o meio acadêmico alemão constituindo-se, deste modo, num fenômeno isolado.

Para ler as publicações feitas na Alemanha a partir da década de 1930 a respeito de literatura estrangeira, em especial literatura de países do então chamado terceiro mundo, há que se considerar a presença da ideologia nazista presente. Contudo, as marcas de uma independência cultural por parte de alguns teóricos é igualmente marcada. A produção de exílio destes escritores não deixou de ser influenciada pela experiência com a nova terra. Entretanto, prevalece sempre nas obras, por mais envolvidos que estejam seus autores na vida do novo lar, a visão pré-concebida acerca do Brasil, visão esta formada na Alemanha e presente ainda em suas mentes. Podemos perceber mais claramente este fenômeno diante do entusiasmo de Stefan Zweig em seu *Brasil: um país do futuro*. Prevalece, portanto, não a verdade em si, mas uma verdade relativa, construída historicamente e presa a uma imagem historicamente construída a partir de uma base histórica.

No período que se sucedeu à guerra, as traduções de obras brasileiras encontram um bom espaço no mercado editorial alemão. Aumenta, a partir desta fase, o interesse do alemão pela literatura latino-americana de modo geral. Aqui, mais uma vez, pode-se perceber como as velhas imagens acerca do Brasil ganham novos contornos. A imagem do paradisíaco, do *locus amœnus* ganha novas nuances e dá lugar ao pitoresco e ao exótico, mas ainda é a imagem que o alemão constrói historicamente que prevalece em detrimento da apresentação da crua realidade. São escolhidas, portanto, obras para serem traduzidas que privilegiem estes aspectos. Daí não ser difícil de entender porque o autor com mais títulos vertidos para o alemão é Jorge Amado.

O período que se delimita de fins dos anos de 1960 e que se prolonga até a atualidade, tem uma característica marcante: a presença da Alemanha separada pela guerra. Dividido encontra-se, igualmente, o interesse no que diz respeito à temática da literatura: enquanto na República Democrática Alemã a ênfase se dava no realismo socialista, influência do regime político praticado pela nova nação, na República Federal Alemã a ênfase é dada ao realismo mágico e é, portanto, nesta última que a literatura latino-americana encontra seu maior espaço no período.

No que toca à literatura brasileira, o grande autor do momento é Guimarães Rosa. Entretanto, embora alemães cultos compreendam as sutilezas de sua genialidade

e a grandeza de sua obra, entre os alemães de instrução média o romance *Grande Sertão: Veredas*, primeiro livro de Rosa traduzido para o alemão, faz sucesso por outros motivos: este afigura-se-lhes como uma história de faroeste brasileiro, com bandidos, tramas, suspense, mortes, guerra, enfim, todos os elementos da narrativa da obra-prima de Rosa que, diante do olhar alemão, reforçam a sua expectativa de encontrar o exótico, o inesperado e o pitoresco. Trata-se de uma modulação interessante daquela imagem do Brasil, mas que não destoa do *homo terrificus* prefigurado desde as narrativas de Hans Staden.

Neste rápido passeio por um vasto período histórico emerge o fato de que aquelas imagens iniciais construídas sobre a América e sobre o Brasil a partir das práticas culturais anotadas pelos viajantes ou imaginadas pelos leitores na Europa arraiga-se fortemente aos ciclos de produção e de percepção/recepção de textos sobre o Brasil de forma que passa a ser determinante para a construção do diálogo cultural – e mais especificamente literário – destas duas nações.

REFERÊNCIAS

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. Introdução. In: STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Trad. Guiomar de Carvalho Franco. São Paulo: Itatiaia, 1974. p. 5-24.

HUBER, Valburga. *A imagem européia/alemã do Brasil*: os viajantes, os escritores, o cancioneiro popular. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/liedh/media/docs/art_valb1.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2010.

KOHUT, Karl. Para além do realismo mágico: pesquisa da literatura latino-americana na Alemanha. *Humboldt*, v. 33, n. 65, p. 79-82, 1992.

MONEGAL, Emir Rodríguez (Org.). *Die Neue Welt. Chroniken Lateinamerikas von Kolumbus bis zu den Unabhängigkeitskriegen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1982.

PESSOA, Lilian de Abreu. *A imagem do Brasil na literatura de viagem do século XIX*. 1991. 224p. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Alemã) " Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

SOUSA, Celeste H. M. R. *Retratos do Brasil*. Hetero-imagens literárias alemãs. São Paulo: Arte & Cultura, 1996.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Trad. Guiomar de Carvalho Franco. São Paulo: Itatiaia, 1974. Coleção Reconquista do Brasil, v. 17.

_____. *Zwei Reisen nach Brasilien*. 4. ed. Marburg an der Lahn, Trautvetter und Fischer, 1981. In die Sprache der Gegenwart übertragen, mit einem Nachwort und mit Erläuterungen versehen von Karl Fouquet

STRAUSFELD, Mechtild (Org.). *Brasilianische Literatur*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1984.